

BEBÊ: MANUAL DO PROPRIETÁRIO

Rosane Fernandes Lira (UERJ)
rosanefls@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte de minha pesquisa de mestrado, em desenvolvimento, que tem como objetivo geral analisar aspectos relevantes da construção da identidade de pais no livro *Bebê: manual do proprietário* (Borgenicht & Borgenicht, 2005); o que farei baseando-me em um conjunto de elementos linguísticos e discursivos, dentre os quais destaco a noção de *cenografia discursiva* (Maingueneau, 2008).

A seguir, apontarei brevemente algumas características do livro dos Borgenicht, a fim de familiarizar um pouco com o corpus dessa pesquisa, o leitor que, porventura, o desconheça.

O MANUAL DO PROPRIETÁRIO DE UM BEBÊ

É certamente difícil encontrar alguma mãe ou pai que não tenha se angustiado no momento em que seu primeiro bebê finalmente foi entregue em seus braços: como segurá-lo? Por que está chorando? Fome? Fraldas sujas? Cólicas? Como ensiná-lo a dormir? Pois há no mercado literário, atualmente, muitos livros publicados com o intuito de orientar este público inexperiente.

Louis Borgenicht, que é pediatra, e seu filho Joe Borgenicht são autores de um título com esta temática. O que difere seu livro de tantos outros é que ele é um pretense manual de instruções: é escrito e ilustrado como se fosse um manual de instruções para a suposta invenção tecnológica mais complexa já existente: o bebê.

Minha experiência pessoal com esse contexto levou-me ao envolvimento com várias obras sobre o tema da infância e da criação de bebês. E este livro chamou-me particularmente a atenção graças tanto a sua formatação inusitada, como também às características que compõem a identidade dos pais – público ideal – e também dos próprios bebês, neste volume.

GÊNEROS TEXTUAIS

Em sua contracapa, encontra-se a seguinte sinopse:

Finalmente! Um manual para principiantes sobre o “funcionamento” dos bebês!

Com a ajuda de um bom manual, você consegue programar equipamentos eletroeletrônicos e instalar softwares. Mas nenhuma dessas experiências vai prepará-lo para [*a maior maravilha tecnológica do planeta*]: um recém-nascido. Afinal, um bebê não vem com manual de instruções. Ou melhor: [*não vinha*]. Com instruções dadas passo a passo e diagramas muito engenhosos, *Bebê - Manual do Proprietário* responde centenas de perguntas relacionadas ao primeiro ano de vida da criança, como qual é a melhor maneira de enrolar o bebê, quando devo levar o bebê ao pediatra e o que fazer para o recém-nascido dormir a noite toda.

Sejam quais forem suas preocupações, você vai encontrar as respostas neste [*livro curioso e bem-humorado*] escrito pelo pediatra Louis Borgenicht e pelo seu filho, Joe Borgenicht. Juntos, eles oferecem inúmeros conselhos úteis para todos que desejam aprender os [*fundamentos da arte de cuidar de um bebê*].

Percebendo-o como uma manifestação da cenografia discursiva maingueneauniana, e considerando que a análise de seus elementos corroboraria esta teoria, elegi-o como *corpus* dessa pesquisa, e para compreendermos melhor sua cenografia, tratarei agora de alguns aspectos de sua forma.

À semelhança de um manual de instruções típico, que, por definição, é um livro que contém noções essenciais sobre uma arte ou técnica, este livro também é uma reunião de informações sobre os cuidados necessários a um bebê; e se auto-intitula, com linguagem técnica: *Manual do Proprietário – instruções e conselhos para solução de problemas e manutenção permanente*.

Analisando, por exemplo, a sua capa, temos o desenho de um bebê, mas um desenho gráfico, como se fosse o rascunho de um robô; cujas partes do corpo estão evidenciadas por setas e renomeadas de acordo com as suas funções: a cabeça é chamada de *cobertura*; o estômago, de *câmara de absorção de alimentos*; a boca, de *unidade central de processamento*; o intestino, de *depósito de dejetos*. Ao mesmo tempo, um elemento tradicional – uma touca branca de recém-nascido da década de 50 (muito típica de desenhos animados e quadrinhos) emoldura a cabeça do bebê-robô; fazendo com que, num rápido olhar para a figura, cujas partes do corpo foram nomeadas de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

modo tão estranho, seja acionada em nossa mente a imagem de um bebê.

Abaixo do título, o *Manual* explica-se: “*instruções de operação, sugestões para eliminar problemas e conselhos sobre manutenção no primeiro ano*”. Como se fosse uma peça adquirida por seus pais, o bebê é chamado de “*modelo*” e seu “*funcionamento*” é o assunto focado, exatamente como faria com um celular, um manual de instruções.

Seu sumário está assim esquematizado:

PARABÉNS, VOCÊ GANHOU SEU BEBÊ!	12
O bebê: diagrama e lista de peças	16
(...)	
CAPÍTULO 1:	
PREPARAÇÃO DA CASA E INSTALAÇÃO.....	20
Preparação da casa.....	22
Configuração do quarto do bebê	23
(...)	
Conheça o prestador de serviços do bebê.....	28
CAPÍTULO 2:	
CUIDADOS GERAIS	38
Como criar vínculos com o bebê.....	40
(...)	
Choro: aprenda a conhecer os sinais sonoros do bebê...	48
Como brincar com o bebê	60
(...)	

Através dele já podemos observar os verbos utilizados no imperativo (“aprenda”, “conheça”), sugerindo que o conteúdo do livro deve ser obedecido, pois é o discurso especializado, a palavra de autoridade; reforçada pelos substantivos (“preparação”, “instalação”, “cuidados”) e pelo chamamento “como criar”, “como brincar”, que também dão à composição a noção de que ela detém o modo correto de efetivar as proposições. Isto nos diz bastante a respeito do *ethos* enunciativo, do qual trataremos mais à frente.

Ao longo do livro, percebemos a objetividade da linguagem (do mesmo modo que nos demais manuais de instruções de aparelhos), seja para:

- 1- orientar quanto ao organismo do bebê e situações cotidianas: “*o sistema sonoro do bebê é composto de dois pulmões, das cordas vocais e da boca. Ele usa estes dispositivos para comunicar-se*” (p. 48)
- 2- quando trata de assuntos tradicionalmente delicados, como a depressão pós-parto; em que diz tão-somente: “*se [...] você não se sentir*

GÊNEROS TEXTUAIS

ligada [...] ao bebê após três ou quatro semanas de convivência, sugerimos que discuta a questão com o prestador de serviços da criança” (p. 40)

3- ou ainda de possíveis doenças ou deficiências que o recém-nascido possa apresentar: “*Antes de iniciar a leitura deste manual, queira verificar cuidadosamente seu modelo e certificar-se de que todas as peças estão em ordem. Se alguma delas estiver em falta ou apresentar qualquer tipo de avaria, recomenda-se consultar imediatamente o serviço de assistência técnica ao bebê*” (p. 12)

No decorrer de todo o livro, esta objetividade em sua linguagem não se altera e permanece técnica, isenta de elementos de emotividade.

Este jogo de sobreposições de idéias, que tomam o bebê, que é fruto da conjunção mais exclusivamente humana (não estamos considerando para este artigo a complexa discussão de bebês concebidos *in vitro*), por um produto *high-tech* produz um tom bem-humorado no livro; tom que inclusive é mencionado na contracapa. O apagamento de traços de emotividade, associada a sua linguagem reificadora, soma-se ainda a outro ponto interessante: o “manual do bebê” parece, muitas vezes, ignorar a existência do *senso-comum* em algumas de suas instruções, brotando daí um efeito bem-humorado, que é a caracterização dos pais como sujeitos inteiramente ignorantes de um bebê, seus cuidados ou objetos usados em seu convívio.

Como exemplo, estas sentenças: “*a chupeta do bebê deve ser instalada na boca*” – p. 56; ou “*coloque o bico da chupeta na boca do bebê*” – p. 57. Na situação de pais e na faixa etária destes leitores, posso afirmar que muito provavelmente não pensariam em oferecer ao bebê a alça da chupeta ao invés do bico, e nem em pôr a chupeta em outra parte do corpo do bebê que não a sua boca, uma vez que a chupeta é um objeto muito conhecido e de uso muito difundido em nossa sociedade.

Digo ainda que os pontos destacados acima produzem humor porque este “*Manual do Proprietário*” não se confunde com o manual de um possível produto tecnológico chamado *bebê*, em que esta reificação e desconhecimento seriam esperados. Ele não acompanha nenhuma mercadoria; é vendido em livrarias (nas seções de gravidez, infância e/ou auto-ajuda) ou em lojas de artigos infantis, e ainda em sites de internet, relacionado em buscas por produtos infantis. O pró-

prio contexto de aquisição do “*Manual do Proprietário*”, portanto, implica na percepção de que há aí uma “simulação”. E, ainda que fosse obtido, por seu leitor, fora deste contexto (se fosse achado na rua, por exemplo, ou encontrado na estante da sala da casa de um amigo), dificilmente ele seria confundido com um efetivo manual de instruções de um produto qualquer (como, por exemplo, um *bebê reborn*¹⁷): o selo da editora e a tarja classificatória “0-12 meses” (não poderia ser confundido com a faixa etária a quem se dirige o texto), já na capa, impediriam o engano; no conteúdo, os conselhos, tratando de digestão, doenças, períodos de sono e controle de alimentação, cuidariam de elucidar quaisquer incertezas mais persistentes.

Dito isto, podemos perceber que há “algo errado” com o *Manual* enquanto manual; há a “simulação” de algo nele, porque não deve ser um manual de instruções em seu sentido tradicional, tratando de ajudar um usuário a operar bem um objeto; ele é algo diferente disto. Esta “simulação” é a *cenografia discursiva*, da qual tratarei teoricamente a partir daqui.

QUADRO CÊNICO E CENOGRAFIA

De acordo com Maingueneau (2008), a cena de enunciação de um discurso envolve uma *cena englobante* (o tipo de discurso), uma *cena genérica* (a cena específica de cada gênero discursivo) – juntas, formando o *quadro cênico* –; e uma *cenografia* (a cena construída pela enunciação).

¹⁷De acordo com o endereço eletrônico <http://cortar-na-casaca.blogspot.com/2008/06/arte-reborn.html>: “Dá-se o nome de Arte Reborn à arte de transformar bonecas em bebês quase reais. O resultado é impressionante, os cabelos são colocados um a um e muitas vezes são usados cabelos humanos. Os bebês são feitos através de encomendas e o cliente escolhe a cor dos olhos, cabelos etc., podendo até pedir uma réplica do seu bebê... alguns bonecos “respiram” e outros até têm um coração que bate [a respiração e os batimentos cardíacos são simulados através de dispositivos eletro-mecânicos]. Para criar um bebê de “brincar” são necessários cerca de 40 dias”. Os “bebês” produzidos através desta técnica são conhecidos popularmente como “bebês reborn”. A existência deste “brinquedo” que é uma espécie de “bebê” talvez causasse confusão a alguém que conheça os *reborn*, e que pensasse, então, que o manual tratasse deste tipo de objeto. No entanto, consideramos esta possibilidade remota, colocando o exemplo aqui apenas para reforçar que mesmo um acontecimento tão distante estaria descartado pelas pistas encontradas no manual, explicadas no corpo deste texto.

GÊNEROS TEXTUAIS

Ora, no “*Manual do Proprietário*” dos Borgenicht, a *cena englobante* é o discurso cujos parceiros legítimos, o detentor do conhecimento (enunciador), que dita a forma correta de lidar com o bebê e tudo o que a ele se liga; e o leigo (co-enunciador), a quem o texto se dirige; estão inscritos no espaço-tempo do nascimento de um bebê e da necessidade urgente de receber informações sobre seus cuidados. A *cena genérica* é a das publicações que servem de guias de comportamento. A *cenografia* é a de um “manual de instruções”, que põe em contato o conhecimento especializado e o consumidor de um produto, neste caso, o bebê.

A cenografia também conta com as *cenas validadas* em seu processo de criação. As cenas validadas são aquelas que já existem na memória coletiva e são os estereótipos aos quais remetemos em outros textos. A procura por conhecimento especializado para resolver um problema é certamente uma cena validada; aqui, reaproveitada na construção da cenografia do manual de instruções.

Ainda Maingueneau (2008) nos diz que “a cenografia implica um processo de *enlaçamento paradoxal*”, supondo “uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação” (p. 87).

Isto assim se aplica ao nosso “*Manual*”: ao condensar as informações julgadas necessárias ao tratamento de bebês num gênero de livro que tipicamente trata de objetos, o enunciador impõe a cenografia logo de início, porém, é por meio da própria enunciação que essa cenografia se legitima, caso ela atinja seu público e faça com que seus leitores sintam-se como usuários de um aparelho novo e complicado (que é o bebê), aceitando, desta feita, o lugar que lhes é reservado na cenografia.

Cabe ressaltar aqui, que os próprios autores do “*Manual do Proprietário*” assim iniciam o livro:

(...) videocassetes e automóveis são sempre acompanhados de um manual de instruções. O mesmo não ocorre com os recém-nascidos – por isso escrevemos o livro que você tem agora nas mãos. *O Bebê – Manual do Proprietário* é um guia abrangente que ajudará o usuário a obter o máximo desempenho e ótimos resultados de seu recém-nascido.

O enunciador explicita ao co-enunciador o jogo da encenação e isto funciona como um chamamento para que este participe da cenografia.

Para que eu continue a falar da cenografia do “*Manual*”, seria interessante comentar mais alguns conceitos neste momento: o de *ethos* discursivo e o de *incorporação*.

ETHOS E INCORPORAÇÃO

A existência de cenas validas, como a do aconselhamento especializado, suscita estereótipos culturalmente reconhecidos e valorados que se convertem nas identidades discursivas que encontramos no “*Manual do Proprietário*”. Assim, neste discurso, inscreve-se um enunciador cujo *ethos* é o do detentor do conhecimento, da tecnologia do bebê. O enunciador do “*Manual do Proprietário*” tem a voz de autoridade: é ele quem orienta, quem guia os pais sobre como devem agir com seu bebê; exatamente como é o manual de instruções de um produto que nos ensina como lidar com ele. Juntamente com esse *ethos*, outras imagens discursivas também surgem: a dos pais inexperientes e desajeitados; e do “objeto” inteiramente dependente e suscetível ao manuseio de seus “usuários” e às considerações do livro, que é o bebê (mas não necessariamente todos os bebês passarão por todas as situações do “manual”; da mesma maneira como nem todos os objetos adquiridos estão sujeitos a todas as situações descritas em seus manuais).

O *Ethos* do enunciador neste “*Manual do Proprietário*”, portanto, é o da autoridade que enuncia, cuja leitura traz à tona uma espécie de *fiador* do que é dito, conforme Maingueneau:

Esse é o tipo de fenômeno que, como desdobramento da retórica tradicional, podemos chamar de *ethos*: por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador. (...) Mas este *ethos* não diz respeito apenas, como na retórica antiga, à eloquência judiciária ou aos enunciados orais: é válido para qualquer discurso, mesmo para o escrito. Com efeito, o texto escrito possui, mesmo quando o denega, um *tom* que dá autoridade ao que é dito. Esse *tom* permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do *corpo* do autor efetivo). A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de *fiador* do que é dito.

GÊNEROS TEXTUAIS

Por meio da enunciação em si mesma, é revelada a personalidade do enunciador. Percebemos pistas sobre seu *ethos* através da escolha de palavras, como nos exemplos já citados: “como criar vínculos com o seu bebê”, “choro: aprenda a entender os sinais sonoros do bebê”, etc. Sentenças que têm um caráter de orientação; não discussão ou reflexão, mas sim, uma espécie de *ensino*.

Também através das ilustrações, uma vez que, como dito, todas são desenhos gráficos, desprovidas de traços de emotividade. Com este caráter funcional, o enunciador é um transmissor, em seu discurso, do conhecimento de algo, sem compromisso com valores morais ou afetividade. Da mesma forma como um manual de instruções visa apenas os fins utilitários de um objeto e nele confiamos para o sucesso do funcionamento do mesmo; este *ethos* do enunciador é científico e se imiscui do discurso especializado que lhe dá o crédito necessário para validar sua palavra na cenografia e legitimar sua autoridade discursiva.

É assim, através deste conjunto de elementos, que emerge a identidade discursiva e estereotipada dos “pais inexperientes e totalmente desconhecedores do bebê” deste “*Manual do Proprietário*”. Imagem esta com a qual nem todos os seus leitores se identificam, mas certamente alguns; somando-se outros pais inexperientes numa grande “comunidade imaginária” de pais nessa situação. Ou seja, extraem dele as representações com as quais se identificam e pelas quais são valorados.

De acordo com Maingueneau:

O universo de sentido apropriado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas idéias que transmite; na realidade, essas idéias se apresentam por uma *maneira de dizer* que remete a uma *maneira de ser*, à participação imaginária em uma experiência vivida. (...) A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado. (2008, p. 99)

Na cenografia do “*Manual do Proprietário*”, a realidade é construída de tal modo que possa encontrar espaço num universo em que de fato existem pais tão inexperientes quanto os do livro; que nada sabem – nada mesmo – a respeito de seus bebês (o que cria muitas vezes, as tais observações bem-humoradas de que fala a con-

tracapa do livro). Assim, a obra é destinada a indivíduos que poderiam estar, imaginariamente, nesta cenografia.

A suposição de pais com conhecimento nenhum sobre bebês traduz o bom-humor do enunciador, e colabora para seu *ethos*, acrescentando ao seu perfil de seriedade, uma descontração que facilita a inclusão, na cena de enunciação, de leitores de uma gama ligeiramente variada.

PALAVRAS FINAIS

Encerrada a nossa exposição, acreditamos ter brevemente ressaltado pontos sobre a construção da cenografia, das imagens discursivas e do *ethos* na enunciação em “*Bebê: Manual do Proprietário*”.

Em poucas palavras, podemos concluir que o enunciador capta estereótipos culturalmente reconhecidos no universo da família atual e os confere aos co-enunciadores, que se sentem pertencentes à situação proposta na cenografia.

Além disso, o enunciador conta com situações próprias da pós-modernidade, como o discurso tecnológico (as imagens gráficas), a seleção lexical carregada de “autoridade” típica de um manual de instruções etc., e assim o seu discurso elabora a cenografia. Estes recursos não alteram a pragmática do quadro cênico.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORGENICHT, Louis. BORGENICHT, Joe. *Bebê: manual do proprietário – instruções e conselhos para a solução de problemas e manutenção permanente*. São Paulo: Gente, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GÊNEROS TEXTUAIS

———. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 2007.

MÜLLER, Verônica Regina. *História de crianças e infâncias: registros, narrativas e vida privada*. Petrópolis: Vozes, 2007.

<http://cortar-na-casaca.blogspot.com/2008/06/arte-reborn.html> acessado em 02 de julho de 2008.